

ACERTO EXTERNO 6 DEZ 1986 DÍVIDA EXTERNA
GAZETA MERCANTIL
"País terá supervisão do FMI"

por Cecília Costa
do Rio

Para fechar nesta semana o acordo com o Clube de Paris, o Brasil, na realidade, está aceitando a supervisão informal do Fundo Monetário Internacional (FMI), pois somente entrando em entendimento formal ou informal com o FMI, disse ontem o vice-presidente da divisão internacional do Bank of America, William Young, é que haverá acordo com os credores oficiais.

"Eu não sei exatamente o que está acontecendo no Clube de Paris. Mas posso assegurar que se houver acordo é porque o Brasil aceitou a supervisão do FMI. Existem várias formas de se interpretar o artigo quarto dos estatutos do FMI e uma dessas formas deve estar sendo empregada nas negociações", comentou Young.

Se o FMI, por meio dessa supervisão informal, irá traçar metas para o desempenho econômico do Brasil, o vice-presidente internacional do Bank of America, segundo maior credor do País, não sabe informar, mas crê que "em vez de um programa rígido, como existe no caso de repasses de recursos, por meio de acordos 'stand-by', deverão ser traçados alguns parâmetros mais flexíveis para o acompa-

nhamento futuro da economia brasileira".

Dizer, portanto, que bastou o aval do FMI, por meio do relatório positivo sobre o comportamento recente da economia do País, para que o Clube de Paris viesse a fechar um acordo, na opinião de outro dirigente do Bank of America, Joel Korn, vice-presidente responsável pelo Brasil, "é uma questão retórica". Está sendo aceita, na verdade, pelo governo brasileiro, uma supervisão por parte da instituição financeira internacional, pois só assim a negociação com os credores oficiais terá sucesso, o mesmo ocorrendo com os credores privados.

Será a partir dos termos da negociação com os credores privados e com o FMI, explicou ainda William Young, que os bancos decidirão se vão montar para o Brasil um esquema plurianual de reescalamento da dívida externa e conceder dinheiro novo. Por enquanto, no entanto, não existe nem data marcada para o reinício das negociações com os credores privados. E a hipótese de uma nova prorrogação de acordos provisórios não está descartada, caso os banqueiros internacionais considerem que a forma negociada em Paris de acompanhamento da economia brasileira por parte do FMI seja branda em demasia,

não oferecendo segurança suficiente para uma relação mais definitiva com o País.

Quanto a hipótese de o Banco Mundial (BIRD) vir a coordenar o levantamento de um pacote de recursos junto aos bancos privados, Young considera improvável, apesar de ter sido mencionada pelo presidente do BIRD, Barber Conable, em sua visita ao Brasil. Bem mais concreta é a possibilidade, afirmou, de essa instituição internacional continuar apoiando o desenvolvimento brasileiro, por meio do aporte de recursos para projetos considerados viáveis.

E viável, também, o cofinanciamento (projetos financiados pelo BIRD e pelo setor privado internacional) e uma presença mais forte da corporação financeira internacional (IFC) no Brasil, com o aumento das aplicações, que no último exercício fiscal ficaram em torno de US\$ 130 milhões.

O vice-presidente da divisão internacional do Bank of America esteve presente ontem no lançamento da campanha institucional da empresa no Brasil, país onde tem aplicado recursos no total de US\$ 3 bilhões, sendo que US\$ 1 bilhão se refere a linhas de curto prazo, principalmente para financiamento de importação e exportação.